

Economistas duvidam da Fórmula Itamar



Sideval Aroni

Plano Itamar vai provocar alta da inflação

LILIANA PINHEIRO

Casar crescimento econômico com controle de inflação, como propõe o presidente Itamar Franco, é possível. Mas torna-se muito complicado no Brasil de hoje e mais ainda com os instrumentos, ou a falta deles, do plano que está sendo executado. A opinião é de economistas de São Paulo, que apontam a desorganização do Estado e do próprio setor privado como impedimentos para um crescimento sustentável.

Carlos Eduardo Carvalho, do Instituto de Economia do Setor Público (IESP), lembra que a história econômica recente do País é peculiar porque mostra que, nos momentos de crescimento, a inflação foi baixa, e nos de recessão, muito alta. "Esta tese de crescimento com controle do custo de vida parece incontestável se a gente olha para os números de hoje e os compara os do período do milagre brasileiro, no início da ditadura", afirma.

Entretanto, Carvalho lembra que há outro período a analisar

nesta comparação. Em 1984, antes ainda do Plano Cruzado, a economia voltou a crescer e a inflação disparou, tendência que também predominou no ano seguinte. O economista teme fazer um prognóstico — "aqui tudo é tão complexo e original que qualquer coisa se torna possível", diz — mas não tem muitas esperanças. Segundo ele a conjuntura sugere que crescimento hoje significaria alta inflacionária, e de imediato. O economista cita, por exemplo, os preços de terras e telefones — os chamados ativos reais — que sobem desde a edição do Plano Itamar.

Plano fusquinha — Um sindicalista de São Bernardo apelidou o Plano Itamar de "Plano Fusquinha". Não passou longe da análise do Sindicato dos Economistas de São Paulo. O presidente da entidade, o economista Sideval Aroni, acredita que se trata apenas de um plano de intenções, sem passar perto de uma perspectiva macroeconômica, criado com o objetivo político de furar o cerco imposto

ao presidente Itamar Franco com a antecipação da campanha sucessória. "O governo quis tomar para si novamente a iniciativa do debate econômico".

Daí sua conclusão: não há instrumentos no plano para sustentar o crescimento sem inflação. Isso somado ao fato de os agentes econômicos fazerem a leitura de que o governo não acertou suas contas, vai levar a uma boa sensação no curto prazo, seguida de aumento do custo de vida. "E então, a inflação alta se incumbirá de abortar o nível de atividade porque vai corroer o poder de compra dos consumidores".

Paulo Batista Nogueira Junior, da Fundação de Desenvolvimento Administrativo (Fundap) e professor da Fundação Getúlio Vargas, também está cético. Para ele poderá haver apenas surtos de crescimento. "Podem até existir experiências internacionais de crescimento com controle da inflação, mas com índices do tamanho dos do Brasil, chegando a 30% ao mês, não dá."